

Entrevista com Pepetela

Conduzida por Nazaré Torrão

Cátedra Lídia Jorge
Faculté des lettres – Unité de portugais
Université de Genève
• nazare.torrao@unige.ch

DOI

<https://doi.org/10.34913/journals/lingua-lugar.2023.e1488>



imagem 1

Quinto Pecado.

Fotografia de Túlio Caldas.

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido por Pepetela (que significa Pestana em quimbundo e foi o seu nome como guerrilheiro) desde menino que queria ser escritor. Pode dizer-se que o seu desejo foi plenamente realizado! É um dos autores angolanos mais prolífico, lido no estrangeiro e traduzido. É autor de 22 romances, duas peças de teatro, duas recolhas de crónicas. A sua obra foi reconhecida por vários prémios, entre os quais, em 1997, o mais importante para autores de língua portuguesa, o Prémio Camões, pelo conjunto da sua obra; o mais recente foi o Prémio Correntes de Escrita em 2020, atribuído ao romance *Excelência de Corpo Presente*. Mas também no Brasil, na Galiza ou na Holanda a sua obra foi premiada.

Obra que acompanha a sociedade angolana e a problematiza desde o colonialismo até ao presente, não poupando críticas aos dirigentes do novo estado que frustraram a utopia dos que iniciaram a luta pela independência, por vezes agentes dos dois movimentos sociais contraditórios, como títulos tais que *Mayombe*, *Geração da Utopia*, *Predadores* ou *Se o Passado Não Tivesse Asas* comprovam.

O seu desejo de efabular mantém-se sempre presente, tornando os seus livros de *fácil* leitura, se nos ativermos a um primeiro nível mais superficial. Imagens, alegorias, metáforas, jogos subtis de significados apontam leituras mais profundas da sua obra, reflexão crítica sobre a realidade histórica de Angola e sobre a vida, sem que o prazer do leitor comum saia beliscado, pois é sempre guiado pelo prazer criativo próprio deste grande contador de histórias.

Esta é a transcrição de uma conversa ocorrida em Genebra em maio de 2022.

* * *

LL: Se lhe pedissem para falar da sua obra, o que é que dizia? Como é que a caracteriza?

P: Com toda a sinceridade não sei responder. Isso é uma questão que têm que ser os leitores a responder e cada leitor provavelmente terá a sua opinião. Posso dizer-lhe como a caracterizam. Certamente muitos livros têm a ver com o meu país, a situação do meu país. E são situações muito diferentes, como a minha vida certamente que também tem. Agora será que é isso que a caracteriza? Deixo ao leitor esse trabalho.

LL: Disse que começou e depois continuou a escrever só pelo prazer de escrever, pelo prazer da escrita, de inventar histórias. Como é que se dá esse processo?

P: É muito diferente. Praticamente cada livro tem a sua história de como começa. Com exceção dos livros baseados em factos históricos, em que há o material de pesquisa possível para se conhecer esses factos, esses têm já um certo roteiro ou um guião, como se queira chamar. Pode não se saber bem onde começa, mas eu sei mais ou menos o que é que se passa. Os outros, nascem muitas vezes sem que tenha alguma ideia e começo a brincar no computador pondo palavras... e de repente sai uma frase qualquer e digo “Pah! Esta frase é interessante, pode andar para a frente” e às vezes continuo a frase, essa puxa uma outra e aí começa a aparecer um ambiente, qualquer coisa, um nome, surge um personagem... E vai, eu deixo ir, como um rio. Muitas vezes não desembocam em parte nenhuma e perdem-se, mas às vezes a corrente continua e sai um livro. Ao fim de vinte páginas eu tenho a certeza que é um possível livro. Isso acontece muito.

LL: Pode dar um exemplo?

P: Por exemplo há um livro que aconteceu a partir não dum sonho, mas eu ao acordar lembrava-me de uma música, uma canção, que tinha ouvido há muitos anos atrás... É um livro que se chama *O Tímido e as Mulheres*. Aconteceu um dia, no dia seguinte a mesma coisa, e cantarolei e achei “Isto é um aviso” e fui à internet. Pus lá um nome, o título da canção era em espanhol – “Cuando calienta el sol aquí en la playa”. E apareceu. Era dum filme, e depois tinha a letra da canção, era um filme argentino, uma canção argentina que eu tinha ouvido quando estava no exílio em Argel trinta anos antes. E pensei “isto é um sinal” e aí pensei “Praia, isto até dá ideia de um programa que eu ouvi na rádio em Argel há muito tempo”. A protagonista é uma jornalista e comecei a escrever e saiu um livro. Acontece assim, de uma frase, qualquer coisa, uma imagem. O Jaime Bunda é um agente secreto, apareceu-me a ideia do personagem num jogo de basquetebol.

LL: Num jogo de basquetebol?!

P: Num jogo de basquetebol. A pessoa que estava perto de mim era dirigente da federação de basquetebol que tinha sido criada e não havia basquetebol há muito tempo em Angola. E ele estava muito indignado porque nós estávamos a perder. Era um jogo de Angola contra o Congo

Brazaville. Há dois anos que os jogadores não jogavam basquete e comemos muito funge, como nós dizemos, estavam gordos, pesados para as coisas do basquetebol, e os congolesees estavam em forma... E essa pessoa dizia: "Porque é que não põem o meu filho a jogar? Nós estamos a perder..." Passado um bocado, entra no campo uma pessoa com um grande traseiro, uma bunda, nós chamamos uma bunda, forte, com barriga. Ele entrou, passaram-lhe uma bola e ele não conseguiu saltar. E eu disse: "Aí está o personagem! Isto é um personagem! E eu vou usar!" E pensei escrever um livro policial, que só pode ser na brincadeira, portanto o personagem tinha que ser aquele.

LL: Por oposição ao 007 super herói...

P: Não. Primeiro era o bunda, só o bunda. Depois pensei policial... bunda... Bond! E aí acrescentei Jaime que é o mais parecido com James, embora não queira dizer a mesma coisa e ficou Jaime Bunda, estagiário, mais ou menos, de detetive. Nesse caso surgiu primeiro a personagem, podia dar para qualquer coisa, mas tinha que ser com humor.

LL: Utiliza formas muito diferentes nos seus romances. Tem romances com intrigas paralelas, em duas épocas distintas, tem policiais, tem ironia, tem alegorias criadas num mundo que não se sabe onde é com seres imaginários ou só com morcegos e corvos. Como é que descobre qual é a forma literária ideal para a história que quer contar?

P: A forma vai aparecendo à medida que a história se vai desenvolvendo. À partida não tenho ideia nenhuma, exceto os livros que são baseados na História. Nos outros é tema livre e é mesmo pelo prazer de escrever, é o que vai saindo e felizmente não é sempre da mesma maneira. Não gosto de me repetir. Tenho horror à repetição. Foi assim que comecei a escrever, por horror, na escola, às redações que eram sempre iguais.

LL: Sim, a vaca...

P: O cão! Era sempre a mesma coisa. E eu quis escrever uma coisa diferente, uma história. Arriscando, arriscando todo o procedimento. E é isso, é o tal prazer, com a liberdade absoluta de criar. Se não dá, eu apago, deito fora. Dantes queimava, agora já não queimo, há o computador, mas apago, volto atrás ou desisto. Eu agora estou a guardar as desistências, os mortos... tenho um baú dos mortos... Mas é assim, deixar a imaginação correr e o subconsciente trabalhar um pouco, no fundo é isso. Mas a partir de uma certa altura há sempre um controlo que faço.

LL: Tem que haver um trabalho literário em cima dessa primeira versão.

P: Vejo e revejo, aliás antes de começar a escrever num dia, leio o que escrevi no dia anterior ou dois dias anteriores. Fico assim meia-hora a ler o que já está escrito e a corrigir. E às vezes digo: “Havia aqui um outro caminho muito mais interessante” e guardo esse outro caminho e às vezes é de uma história que se pode voltar a cruzar. As histórias cruzadas vão surgindo assim. E isso dá-me um grande gozo, quando elas se cruzam de facto, em cheio, aí é o jackpot! Aí tenho a certeza: “Pronto! Isto é um livro!”.

LL: Dizia que com os livros de cariz histórico tem outra técnica. Como é que decide o que é que acrescenta ou altera à verdade histórica?

P: Aí depende de qual verdade histórica. Também depende das fontes, o que me interessa sobretudo é preencher os vazios que há na História. Por exemplo numa história sabe-se isto, sabe-se aquilo, mas não se sabe como é que se passa de a para b. Então eu preencho. Invento, sei lá, como é que se passa do princípio de uma guerra para o fim da guerra. Aqueles ganharam àqueles, mas o que é que se passou no meio? E pode acontecer que disso resulte até um certo desvio, não há problema, é ficção, mas vou chegar lá, a um facto que é verdadeiro, mais cedo ou mais tarde. Às vezes há mesmo desafios ao leitor, por exemplo na *Gloriosa Família*, há fontes portuguesas dum lado, há fontes holandesas (hoje chamadas holandesas, antes chamavam-se flamengas), ou seja, há coisas conhecidas. Por exemplo sabem-se nomes, tanto do lado dos flamengos como dos portugueses. O governador holandês era o Van não sei quantos, mas não se sabe mais nada dele, eu tenho a liberdade de o descrever fisicamente: ou gagueja ou é coxo ou é inteligente ou é burro. Às vezes um autor diz uma coisa e eu ponho citação de um autor no início do capítulo e no decorrer do capítulo há qualquer coisa que não bate certo com aquela citação e eu vou pôr “Cuidado com o que ele escreveu” ou “Não acreditassem tanto nisso” – uma espécie de recado ao leitor, o mais apressado é capaz de não se aperceber, mas aquele que lê com mais cuidado apercebe-se, sorri certamente e diz “Olha, malandro do Pepetela”. Mesmo com a própria História se pode brincar no fundo sem alterar o sentido daquilo que se conhece. Quando é com mitos a liberdade já é maior, porque com mitos pode-se compor um novo mito.

LL: Quando falamos consigo sem ser sobre literatura, aquilo que se nota é a sua preocupação na análise de projetos que poderiam alterar a sociedade angolana. Sente-se a preocupação sociológica sobre como

a sociedade está organizada. Nota-se aí o sociólogo que deu aulas de sociologia. De que forma é que essa sua formação em sociologia influencia a sua criação literária? Influencia ou não?

P: Claramente que sim. Eu escolhi mesmo sociologia, andava à procura desse curso e não encontrava. Não havia em Portugal, era proibido, até que encontrei e disse: “Aí está! É o curso que eu quero!” Se não tivesse encontrado sociologia provavelmente teria ido para antropologia. Certamente que influencia, porque escolhi sociologia porque me dá instrumentos de análise para conhecer a sociedade sobre a qual eu vou escrever. É preciso conhecer a sociedade, a sociologia dá-me uma ferramenta. Eu sempre disse: “Eu não sou sociólogo para ser sociólogo, eu não sou realmente um sociólogo, eu sou um escritor, que se utilizou da sociologia”. Como até certo ponto utilizei a História, de vez em quando, ou a experiência. Tenho a obrigação de estar atento aos aspetos sociais, estar atento à sociedade em que estou, pelo menos ir analisando, mesmo sem andar a fazer inquéritos (que eu gostaria de fazer inquéritos), mas pelo menos ouvindo as pessoas, vendo, falando, ouvindo televisão, ouvindo rádio. Estou atento, estou sempre a ver como é que vai evoluindo ou involuindo a sociedade em que estou. É uma grande preocupação. Como em geral todos os escritores refletem sempre um pouco essa percepção que têm da sociedade em que estão.

LL: E de que forma é que pensa que aquilo que escreve, no seu caso concreto ou com os escritores em geral, influencia também a sociedade?

P: Isso já é mais difícil de saber. Eu senti nos primeiros livros que foram publicados, muita gente, muitos jovens, que diziam: “A primeira vez que li coisas sobre Angola foi com o seu livro tal”. *As Aventuras de Ngunga* é, entre aspas, *best-seller* em Angola. O *Mayombe* também. Os dois livros atraíram a atenção e disseram: “Cuidado, tens que começar a olhar mais para a realidade que te rodeia”. Aí eu tive alguma influência sobre esses jovens pelo menos. Abri-lhes os olhos para algumas coisas, não só para as verdades oficiais, mas para o facto que talvez a verdade oficial não seja exatamente na verdade aquilo que se passou. A verdade tem muitas facetas no fundo. A verdade aparece como absoluto, mas é algo de relativo.

LL: E os livros mais recentes? Estou a pensar por exemplo em *Se o passado não tivesse asas?*, pois esse, entre outros, chama bem a atenção, por exemplo, para a situação das crianças atualmente em Angola. Tem reações?

P: Poderia. Mas esses livros mais recentes têm muito menos público em Angola do que os primeiros.

LL: Quem lê não gosta de se rever ali?

P: Não é esse aspeto. São menos publicados e há menos pessoas a ler. Há menos público.

LL: Atualmente há menos pessoas a ler?

P: Sim. Eu via isso por exemplo quando eu dava aulas. Uma das primeiras perguntas que eu fazia aos meus alunos, na primeira aula, a meio de um curso era “Quem são os que já leram livros, um livro ou mais, que não seja livro de estudo?” Já não dou aulas há quase quinze anos, no século passado levantavam-se muitas mãos, muitos braços. Nos últimos anos comecei a notar que cada vez havia menos. Até que no último ano em que eu dei aulas nenhum levantou o braço. “Nunca leram nenhum livro que não fosse de estudo?” Avisei-os que ia ser o último semestre que ia ensinar. Se nunca leram nada, nunca iriam ser bons arquitetos, não queria ter essa responsabilidade.

LL: Dava aulas de sociologia em arquitetura?

P: Em arquitetura e urbanismo. O estudo da sociedade que ajudasse os estudantes a conceber projetos adaptados ao mundo social, dependente do local onde iriam construir. Dava-lhes os instrumentos para eles poderem fazer essa análise. Quando eu comecei a dar aulas em arquitetura não havia ainda ciências sociais [na universidade em Angola]. Depois, mais tarde, já havia sociologia e esses cursos todos. Agora trabalham mais em equipa e já não é tão necessário um arquiteto ter noções de sociologia.

LL: Perante isso que me está a dizer, qual é o panorama literário angolano atualmente? E quem é o público leitor?

P: É uma minoria de pessoas que lê as obras de escritores angolanos. Continua a haver novos escritores. Há muita gente com gosto pela escrita e esses são leitores. Mas, como digo, é uma minoria, os livros estão a ser substituídos pela televisão, pelas novelas na televisão, pelas férias, hoje em dia pelos Tik-tok e vídeos que são feitos pelos novos meios, portanto há um público muito pequeno. E isso não permite a alguns escritores chegarem muito longe sendo autosuficientes. De qualquer modo isso

também não é importante, uma pessoa pode ter outras ocupações. Mas têm aparecido novos valores, não tantos como seria desejável. Os primeiros anos da independência foram muito maus, mas houve novos valores, gerações novas que apareceram com coisas bastante diferentes, interessantes, com temas a fugirem já da guerra, a fugirem da política, tentativas outras, viagens, outros mundos... Mas é difícil que consigam firmar-se enquanto escritores, porque há pouco público e por isso não estou assim tão otimista como era antes em relação ao futuro. Embora quem faz um roteiro de uma série, por exemplo, também seja escritor... A literatura está lá. Agora para os livros não sei... é capaz de ser um objeto em vias de extinção... mais uma geração e não sei...

LL: E de escritores internacionais, o que lê? Disse ontem que o Hemingway o influenciou muito. O que é que lê de outros escritores que não angolanos?

P: Eu tive fases de leitura. Comecei com todos os autores portugueses que estudava na escola.

LL: Ontem contou da grande descoberta de *Capitães da Areia*...

P: Mesmo como influência, realmente eu não sei distinguir entre os autores portugueses. Eram os autores que estavam nos manuais escolares e depois um ou outro que estava na biblioteca do meu pai. Depois de mencionar em casa o que tinha lido no manual, por exemplo *A Morgadinha dos Canaviais*, de Júlio Dinis, ele dizia “Tenho aqui o livro completo”. Devem ter-me influenciado de alguma forma que eu não sei. A primeira influência que eu senti foi com a literatura brasileira e diretamente Jorge Amado, Graciliano Ramos, mas não era o estilo, era o meio que era próximo do meio angolano, da sociedade colonial em que eu vivi. Mais tarde entrei nos americanos e desses destaque particularmente o Hemingway. Li muito Faulkner, John dos Passos. Há outros, mas só mais tarde. Ao mesmo tempo que os americanos também li os franceses e italianos, o neo-realismo italiano, francês nem tanto.

LL: E os neo-realistas portugueses? Porque de certeza que esses não eram os que estavam nos manuais...

P: Esses eu venho a conhecê-los, mas depois, não na altura em que eu estive em Portugal. Nessa altura estava na fase americana ou francesa, mantinha a brasileira, claro, mas já com muitas misturas de muita coisa. É difícil dizer-lhe quais foram as influências. Há um ou outro escritor que

eu sei que me influenciou, porque eu sei que queria escrever assim, como ele fazia. Por exemplo fiz um texto e entreguei-o ao Jorge Amado depois da independência de Angola, 15 anos depois de ele ter sido escrito, era um contozinho, um texto pequeno, mas em prosa rimada, muitas vezes ritmada, como ele fazia. Ele utiliza isso num ou noutra livro. Isso era bem para ele e era dedicado a ele e eu dei-lhe o manuscrito com dedicatória: “ao meu mestre”.

LL: Esse conto está publicado?

P: Não. Era para ele. Eu dei-lhe o original e depois é que descobri que não tinha guardado o conto. Mas por exemplo com o Hemingway tenho a certeza que os meus primeiros romances, o *Mayombe* por exemplo, o *Yaka*, têm influência do Hemingway nos diálogos. Se eu hoje escrevesse esses livros não poria tanto diálogo. Saíram assim, fica assim.

LL: Não é um escritor que vá rever constantemente as edições anteriores, como por exemplo um Carlos de Oliveira ou um Miguel Torga, casos em que se formos comparar as edições encontramos textos diferentes.

P: Não. Não. Eu não mudo nada. Só acontece por vezes a mudança de editor. Normalmente é publicado simultaneamente em Portugal e em Angola, o mesmo texto. Pode ser complicado no Brasil e sugerem-me a mudança de uma ou outra palavra que no Brasil pode ser interpretada de maneira diferente ou não ser conhecida, ou uma coisa do género. Portanto a edição do Brasil pode ter algumas diferenças para a portuguesa. Isso sim, mas não é sequer minha a iniciativa. Mesmo no caso do *Mayombe*, de que tinha o manuscrito, quando passei à máquina, mudei muito pouco, mudei alguns nomes de personagens. Bati à máquina quase sete anos depois de ter escrito o manuscrito e só mudei nomes de personagens e uma ou outra frase que tenha cortado. Nos outros livros que já são escritos com intenção de publicar então quando saem de mim já não me pertencem, acabou. Não mexo mais.

LL: Essas pequenas alterações para a edição brasileira, fazem-me pensar numa outra questão: quando eu falo consigo tem um português exatamente como o português de Portugal, só introduzindo uma ou outra palavra diferente, como “maka”, por exemplo. Como é hoje o português de Angola? Nota uma grande diferença no português que era falado dantes e no que é falado atualmente?

P: Sim. Há uma evolução. Vai havendo uma diferença no português falado em Angola, mas depende dos meios sociais. A pessoa que vive por exemplo no musseque, nós chamamos musseque os bairros populares, tem uma maneira de falar o português diferente de quem vive na cidade de asfalto. Sem dúvida nenhuma depende do grau de instrução. Agora no português de pessoas com mais instrução há uma influência sem dúvida a nível das palavras, usamos muito as palavras de origem angolana, não só de Luanda, mas de outras regiões do país, que se tornam nacionais, por exemplo “mujimbo”, que originalmente na Lunda é notícia e passou a ser boato.

LL: O Manuel Rui tem um livro dedicado ao mujimbo.

P: Mudou. Diz-se: “Já estão a mujimbar”, quer dizer já estão a trocar impressões usando suspeitas mas nada que possa ser verdade; contando as notícias, nunca se sabe se são mesmo notícias verdadeiras ou se são *fake* como se diz hoje. Há influência de certas formas verbais. Se eu estiver com angolanos uso os verbos de maneira diferente.

LL: Portanto tem duas normas: para falar com portugueses e outra para falar com angolanos...

P: E outra também um pouco para falar com brasileiros. Para lhes ser mais fácil entender ... Sim, há uma série de formas, até de cumprimentar, que são propriamente angolanas, que muitas vezes são usadas até por portugueses sem saberem a origem, como por exemplo o “bué”. Só que os portugueses usam mal...

LL: Como o “ciao” do italiano que os portugueses também não usam como no italiano.

P: “Bué de”: nós não dizemos “buedafixe”[buedafifjə] como os jovens hoje, nós dizemos “bué fixe”, “está bué frio”, “tu comeste bué”. Muitas palavras entraram no português de outras línguas.

LL: Mas a nível institucional está a pensar-se construir e aceitar essa outra norma, tal como no Brasil? Em Moçambique estão a ser dados passos no sentido de se criar a norma do português moçambicano. Como está esse processo em Angola?

P: Em Angola temos uma academia de letras recente, já com oito anos ou quase e discute-se isso; também ao nível do ministério da educação e da cultura, mas é consensual que é cedo para normatizar qualquer coisa. É deixar continuar. Deixar evoluir e um dia vai-se sentir a necessidade de normatizar. Até porque muito depende dos professores que ensinam as primeiras letras aos alunos.

LL: Enquanto professor, em Angola, os professores têm compreensão para essa outra forma de falar e para essas outras formas gramaticais?

P: Não sei qual é a generalidade. Mas há certamente professores que não têm conhecimentos do português da norma oficial europeia para perceber que aquilo que estão a utilizar é já um português falado lá e também depende das regiões. É claro que isso vai acabar por ser normatizado pelas universidades pela preparação de professores. Isso vai ser normatizado a partir daí. Por isso a nossa opinião é “deixa andar”. Tudo é válido. O professor é que sabe melhor como vai ensinar e os alunos vão acabar por perceber que para passarem no exame têm que escrever de certa maneira. Para além disso há um aviso aos professores desde os primeiros anos da independência, que eu creio que se mantém, que é não insistir demasiado com certas regras gramaticais. Deixar passar aquilo que pode ser uma variante. Quanto ao acordo ortográfico nós não adotámos e não vamos adotar. Mas já estamos a sofrer uma certa influência de textos (notícias ou livros) que vêm de Portugal ou do Brasil já escritos segundo o novo acordo. Eu às vezes já tenho dúvidas, mas o computador está programado para o antigo acordo e ele corrige. Eu hoje viajo pouco por Angola, dantes viajava imenso, agora duas ou três vezes por ano, para fora de Luanda (uma praia a 200 km não conta, ainda é Luanda), mas vejo na televisão ou ouço na rádio que há pessoas do povo que têm falares diferentes do português conforme as regiões. Algumas línguas locais afetam o português até em termos da mudança da consoante. Por exemplo a rainha Ginga é Ginga em quimbundo, mas é Zinga em quicongo. Há línguas que não têm *j* e outras que não têm *z*. Nas línguas do centro que são as mais faladas, no país umbundo, estão espalhadas por todo o país, mas são as mais faladas, há uma nasalização de certas consoantes. Por exemplo “Ngunga”, eu digo [ñgunga] (com o *n* nasalizado), um português diz [negunga]. Se ouvir alguém falar português eu sei dizer de que região vem devido à influência no português, a não ser que seja alguém que passou pela universidade e tenha tentado corrigir isso. Para ele é corrigir, mas no fundo é perder. Penso que é empobrecer a língua quando se normatiza demais.